



O GERMINAL



Boletim da Oposição Estudantil C.C.I. – Filiada à RECC
www.oposicaooci.blogspot.com | oposicaooci@riseup.net

Edição Nº 31 - Dezembro de 2012 - Desde 2007 na luta pela Universidade Popular!

Avaliação das eleições para DCE-UnB (2012) e Análise de conjuntura

A trajetória dos grupos políticos

Antes de tudo, para entender por que a “Aliança pela Liberdade” ganhou duas vezes consecutivas o DCE é preciso fazer uma análise da trajetória dos grupos políticos da UNB. A história nos mostra que sempre em tempos de convulsão social as culturas, sociedades e instituições redirecionam seus rumos, não foi diferente conosco. Vamos lembrar, então, o período de grande crise/oportunidade que a UNB passou – amparada também em condições favoráveis nacionalmente – e que propiciou a origem/crescimento de vários grupos que determinam a dinâmica do ME até hoje. Este período foi o da grande ocupação da Reitoria em 2008, que mobilizou grande parte da comunidade acadêmica e abriu as portas para o conflito de ideias e interesses.

Esta Análise é importante para “colocar os pingos nos is”. A vitória da Aliança não foi fortuita e nem a derrota da esquerda foi um golpe de azar ou fruto do sectarismo de alguns grupos. Podemos observar que antes da grande mobilização de 2008 não havia um grupo de direita organizado como a Aliança e nem sequer uma esquerda revolucionária, o que quer dizer que na dinâmica do ME ainda não estavam contidas todas as nuances e contradições, conflitos e divergências que tanto enriquecem a vida política de nossa universidade e por isso mesmo os espaços no qual acontecia a política estudantil não refletiam a diversidade de opiniões existentes.

O que queremos dizer com isso é que o fato de DCE’s “de esquerda” ou “progressistas” terem ganhado sucessivamente eleições no período pré-ocupação da Reitoria em 2008, não significa que não havia uma grande massa de estudantes de opinião conservadora/liberal/burguesa, a favor de polícia no campus e da privatização da universidade, mas o que não havia era um grupo atuante que os representasse. *O que é bem característico de estudantes de opinião conservadora devido a sua concepção de que a única dimensão*

da democracia é a representação, vide sua (nula) participação nas assembleias e nas eleições.

Embora os números sejam difíceis de estimar, devido à própria baixa participação estudantil na conjuntura atual, o que sabemos é que as universidades brasileiras e especialmente a UNB é extremamente elitizada – um fator determinante para a política estudantil – e não reconhecer este fato é como entrar em um campo de batalha de olhos vendados. Porém os grupos que se propunham liderança na época, PSOL e PSTU, e também PT, ignoravam isto. Exemplo claro foi a postura do PT ao adotar os discursos da antiga UEI (União de Estudantes Independentes, um racha da gestão de DCE do PT que daria origem a “Aliança”), de que “as assembleias eram quadradas” e que os “instrumentos do ME estavam ultrapassados”, supostamente criticando o modelo de ME vigente mas na prática levando as próprias instâncias do ME ao seu fim: não dando a devida importância ao trabalho de base; não organizando frequentemente suas forças pra construção de assembleias; não criando uma cultura de mobilização; empobrecendo os debates; não dando aos estudantes mais pobres seu caráter de classe, etc. E este sim foi um dos fatores determinantes para o crescimento do governismo (PT, PCdoB) e da consequente vitória da direita.

De tudo isso chegamos à conclusão de que as condições para a vitória da direita nestas eleições já estavam dadas, e que as condições para a vitória da esquerda só se darão a médio prazo, *com um intenso trabalho de politização e transformação da consciência*, pois nos encontramos numa conjuntura de desmobilização, apatia política e hegemonia conservadora. Apontamos anteriormente, n’O Germal n° 27, que **“o que as urnas nos dizem hoje é que o conservadorismo não precisa de ninguém além dele próprio para alçar seus voos, isto é, se o reformismo dos grupos governistas não for capaz de levar a cabo**

uma mudança estrutural na concepção de universidade privatista-clientelista, e quiser apenas usu-

fruir dela para conseguir cargos, a agenda neoliberal irá retomar com toda sua força, sem auxílio nenhum da dita ‘esquerda’”.

A política da formiga e a política da cigarra

A atual esquerda reformista da UNB (PSTU, PSOL, ou Chapa 6, se preferirem, e Honestinas) tem a incrível capacidade de não compreender os debates travados e a conjuntura ou simplesmente ignorá-los. Podemos perceber isto pelo fato de termos sido acusados nas últimas eleições e novamente nestas de sermos uma das causas da derrota da esquerda. Esse discurso tem sido repetido também por grande parte dos estudantes e pretendemos contrapô-lo. Como já dissemos anteriormente n’O Germinal n° 24: *“esta acusação tenta reunir harmonicamente grupos com métodos, estratégias e programas de luta diferentes, aos menos em relação à CCI. A formação de uma chapa sem coesão interna suficiente poderia criar mais problemas que resolvê-los, poderia em momentos críticos da luta estudantil ficar paralisada. Não aceitamos, portanto, a provocação de que a Oposição CCI contribuiu para a vitória da direita. Como demonstramos, é precisamente a política vacilante da esquerda eleitoreira que criou condições para a vitória da direita, e é somente com um grupo coeso que se oponha não apenas a esta ou aquela gestão, mas que se oponha a política hegemônica, que conseguiremos verdadeiramente transformar o DCE em uma entidade combativa e de massas”*.

A propaganda da Chapa 6 (Psol e Pstu) revelou profundamente as limitações de uma união sem princípios, em que as concordâncias entre os grupos somente os permitia colarem cartazes com motes genéricos do tipo “sou mulher, voto chapa 6” ou “sou artista voto chapa 6”, em que nenhum programa ou proposta mais clara era defendido publicamente, além é claro de infantilizar o debate sob o discurso de “dialogar com a base”. Neste aspecto ficaram inclusive atrás da Chapa 3 (PT), que ao menos propagandeou várias propostas pela universidade.

O que aconteceu, então, neste período de eleições foram opções feitas pelos grupos políticos, que revelam muito seu caráter intrínseco. A maioria dos grupos “de esquerda” escolheu *“o caminho da cigarra”*: cantando aos quatro ventos que a união,



mesmo que contraditória, da esquerda era a única solução para a derrota da direita. Como vimos e como afirmávamos desde 2011, não foi o que aconteceu. Enquanto isso, nós fizemos a opção pela *“política da formiga”*: dando atenção às organizações de base, às demandas materiais principalmente dos estudantes mais pobres, organizando-nos e aprofundando o debate sobre o caráter classista do ME, mesmo este sendo um caminho difícil e tortuoso.

Vale ressaltar que não somente a opção, mas o próprio modo como os reformistas fazem política os levou à derrota. Talvez para eles não seja claro, mas para nós é que os discursos mais genéricos, a diminuição da qualidade do debate, a tentativa de criação de um falso consenso e a conquista de votos, apoiadores ou militantes “pelo coleguismo” ou a qualquer custo serve muito mais à direita do que à reorganização de um ME que sirva às lutas populares.

Nossa política já escolhemos, é a política da formiga. Contra a política da cigarra, que se mobiliza grandemente em épocas de eleições para conseguir votos, propomos a alternativa de uma participação constante dos estudantes no ME para a construção de um poder paralelo a este DCE e que não se submeta à legalidade imposta pela Reitoria e enfrente de fato estes organismos burocráticos que nos impedem de decidir qual universidade queremos. Os reformistas podem dizer o que quiserem. Nós sabemos que só podemos contar com nós mesmos.

**AVANTE! TODO PODER ÀS BASES!!!
CONTRUIR O PODER ESTUDANTIL DE BAIXO PARA CIMA!!!**